

A GEOGRAFIA DA SAÚDE E A ABORDAGEM HUMANÍSTICA

MAZETTO, F. A. P.

Professor Adjunto do Departamento de Geociências da
Universidade Federal de Juiz de Fora
franciscoppm@gmail.com

Em uma era dominada pela tecnologia, onde a técnica parece preceder o método, sempre é bom lembrar que muitos paradigmas, com alguma ancestralidade, ainda se mostram muito eficazes no trato do objeto e relações de estudo de uma ciência humana em sua essência - a Geografia. O humanismo, desenvolvido a partir da Renascença com Erasmo representou, em sua época, uma contestação a um mundo subjugado pelo dogmatismo religioso. Depois de alguns séculos estamos novamente subjugados, desta vez pelo dogmatismo científico (Tuan) ou, ainda mais grave, pelo dogmatismo tecnológico. A saúde da população constitui um excepcional objeto para se aplicar uma abordagem humanística, pois a saúde em seu conceito ampliado deve ser resgatada até ao nível das necessidades individuais. Contrapondo-se a uma massificação de consciências humanas tentando adaptá-las a um modelo, o método humanista procura ressaltar as diferenças ao invés de reduzi-las. Para avaliar se um ambiente é verdadeiramente saudável, convém aplicar métodos que possam extrair dos indivíduos e dos grupos sociais suas aspirações mais íntimas, suas concepções sobre o que seria necessário para a saúde plena. A relação entre o lugar e os indivíduos tem sido subestimada por grande parte das pesquisas realizadas pela geografia da saúde, fato que pode significar uma repulsiva subordinação aos interesses do poder, seja estatal ou corporativo. Os sistemas de saúde têm refletido uma efetiva ação do Estado no sentido de exercer influência sobre a população assistida. No mundo padronizado de nossos dias, pode parecer anacrônico dissertar sobre a individualidade e as concepções e emoções pessoais. O sistema sócio-econômico dominante procura pasteurizar os espaços para garantir sua reprodução. Contudo, o próprio mundo cibernético procura agora, a riqueza das diferenças individuais e dos grupos humanos, porém com propósitos inconfessáveis. A abordagem humanística tem grande contribuição a dar aos estudos de geografia da saúde, ajudando vigorosamente para melhor entender as relações entre saúde e espaço.

Palavras Chaves: humanismo, espaço vivido, espaço experiencial, espaço e lugar.

THE GEOGRAPHY OF THE HEALTH AND THE HUMANISTIC METHOD

In an age dominated for the technology, where the technique seems to precede the method, it is always good for remembering that many paradigms, with some ancestry, still reveal very efficient in the treatment of the object and relations of study of a science human being in its essence - Geography. The humanism, developed from the Renaissance with Erasmus represented, at its time, a plea to a world dominated for the religious dogmatism. After some centuries again we are dominated, of this time for the scientific dogmatism (Tuan) or, still more serious, for the technological dogmatism. The health of the population constitutes a great object to apply a humanistic method, therefore the health in its extended concept, must be rescued until the level of the individual necessities. Opposing it a unification of human consciences beings trying to adapt them to a model, the method humanist looks for to stand out the differences instead of reduce them. To evaluate if an environment is in fact healthful, agree to apply methods that can extract of the individuals and the social groups its closer aspirations, its conceptions on what it would be necessary for the full health. The relation between the place and the individuals has been underestimating for great part of the research carried through for the geography of the health, fact that can mean a repulsive subordination to the interests of the power, either state or corporative. The health systems have reflected an effective action of the State in the direction to exert influence on the attended population. In the standardized world of our days, it can seem anachronistic to dissert on the individuality and the personal conceptions and emotions. The social and economic system dominant search equalizes the spaces to guarantee its reproduction. However, the proper electronic world searches now, the wealth of the individual differences and the human groups, however with obscure intentions. The humanistic method has great contribution to the studies of geography of the health; attend vigorously to understand the relations between health and space.

Key Words: humanism, lived space, experience space, space and place

A GEOGRAFIA DA SAÚDE E A ABORDAGEM HUMANÍSTICA

MAZETTO, F. A. P.

Professor Adjunto do Departamento de Geociências da
Universidade Federal de Juiz de Fora
franciscoppm@gmail.com

INTRODUÇÃO

A Geografia Humanística ganhou maior intensidade em seus estudos a partir do término da II Guerra Mundial, com os trabalhos de DARDEL (1952) *L'Homme e la Terre: nature de la réalité géographique*. No entanto, os antecedentes da Geografia Humanista vêm do movimento renascentista com Erasmo, o primeiro grande humanista e livre pensador que reservou todas as suas energias para produzir uma obra que libertasse o homem da ortodoxia eclesiástica em vigor na Europa da reforma protestante e da contra-reforma católica. Os fundamentos da Geografia Cultural-Humanista estão alicerçados nas concepções de Kant e Hegel e, contemporaneamente, na fenomenologia existencial verificada nos trabalhos de Husserl. Na abordagem fenomenológica importa a apreensão da essência da consciência humana, através da percepção e intuição das pessoas. O primordial é a experiência de vida acumulada pelo indivíduo ou grupo social ao longo de sua existência. A corrente humanística da geografia teve grande contribuição nos trabalhos de LOWENTHAL (1961) no início da década de sessenta, que foram centrados nos estudos da “percepção do entorno e comportamento”. A preocupação em se ligar à noção de espaço e lugar com as subjetividades da consciência humana, lança os estudos geográficos em uma nova perspectiva, notabilizados nos trabalhos de Tuan. Segundo RELPH (1976), o “mundo vivido” é aquele próprio das experiências pessoais e coletivas estando repleto de ambigüidades, comprometimentos e significados, no qual, estamos inevitavelmente envolvidos. O autor ressalta que os significados originais do mundo vivido estão constantemente sendo ofuscados por conceitos científicos e pela orientação das convenções sociais. Sob um ponto de vista fenomenológico, conclui Relph, os espaços não são vazios e abandonados aos quais se concedem atributos e significados, mas são os contextos indispensáveis e significantes de todas as nossas ações e façanhas.

Apesar de vivermos nele, de estarmos envolvidos por ele, os aspectos e significados do mundo vivido não são óbvios, sendo necessário serem descobertos. O espaço vivido, o espaço experienciado, escreve MERLEAU-PONTY (1962), é aquele ao qual estamos ligados por nossos sentidos, é quase uma extensão de nosso corpo. O espaço e tempo vivido, entretanto, não estão restritos ao alcance de nossos sentidos. Ele também está ligado com nosso intelecto, com nossa imaginação, com nossa capacidade de nos projetar e interagir com outro espaço e tempo.

BASES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS

Entre os fundamentos filosóficos que influenciaram a Geografia Humanística, sem dúvida se destaca a fenomenologia formulada por Husserl no início do século XX. A obra de HUSSERL (1907), *Die Idee der Phänomenologie*, revela a importância da experiência da consciência humana para se entender como os fenômenos, naturais e sociais, são construídos na mente do homem. Segundo este autor, tudo que é informado pelos sentidos é mudado em uma experiência de consciência, em um fenômeno que consiste em se estar consciente de algo. Husserl propõe que o estudo da vivência, do estado de consciência, dos objetos ideais, do fenômeno que é estar consciente de algo, não deve estar preocupado se corresponde ou não a objetos do mundo externo à mente. O interesse para a fenomenologia não é o mundo que existe, mas sim o modo como o conhecimento do mundo se dá, tem lugar, se realiza para cada pessoa. Husserl procurou dar a filosofia uma base e condições rigorosas de uma ciência. Mas como dar rigor a fenômenos tão mutáveis como os objetos do mundo real? O método científico trabalha com as “verdades provisórias” até que novo fato se apresente e demonstre outra realidade. Para que a verdade filosófica, que deve ter caráter permanente, não fosse também provisória, o autor estabeleceu que ela devesse se referir aos objetos como eles se apresentam numa experiência de consciência, verificado em suas essências, em seus verdadeiros significados, desvinculadas de teorias e suposições, afastada do mundo empírico objeto da ciência (COBRA, 2001). A redução fenomenológica (*noesis*) é o ato de perceber, sendo que aquilo que é percebido, o objeto da percepção, é o *noema*. O fenômeno de

consciência (*noema*) é o que importa, constituindo “as coisas em si mesmas”. Então, a redução fenomenológica seria restringir o conhecimento ao fenômeno da experiência de consciência, desconsiderando o mundo real, colocando-o em “suspensão”, destacando antes de tudo o mundo que acontece na experiência, na visão de mundo que os indivíduos têm. Os princípios husselianos encontraram grande repercussão nas ciências humanas, principalmente na psicologia, antropologia, sociologia e história. Entre seus discípulos destaca-se Heidegger, cuja principal obra – *Sein und Zeit* (1927), foi dedicada ao mestre. No entanto, Heidegger discordava de Husserl quando este defendia uma total desvinculação da nova escola filosófica dos princípios metafísicos anteriores, excetuando as contribuições de Hume e Kant.

O PARADIGMA HUMANÍSTICO NA GEOGRAFIA E NAS CIÊNCIAS DA SAÚDE

Uma grande questão que se coloca atualmente é por que se utiliza tão pouco os princípios da Geografia Humanística e do método fenomenológico na Geografia da Saúde em contraste à ampla utilização do mesmo pela Psicologia, pela Enfermagem, pelo Serviço Social, pela Medicina ou mesmo em outras disciplinas da própria Geografia? É uma pergunta que exige uma análise do próprio momento histórico pelo qual passa a ciência geográfica e sua contínua discussão epistemológica. A chamada Nova Geografia emergiu no pós-guerra, como fruto do próprio desenvolvimento tecnológico proporcionado pelo conflito, para responder às questões que a Geografia Clássica já não se encontrava mais aparelhada. No novo mundo, os Estados divididos ideologicamente necessitavam de uma ciência para fornecer informações úteis ao planejamento, planificação e controle do território. A corrente quantitativa se prestou muito bem a este papel, pois agora contava com os recursos da computação eletrônica, uma ferramenta poderosa, capaz de reunir uma quantidade enorme de informações e de trabalhar estatisticamente com elas em uma escala nunca antes imaginada, fatos estes de grande interesse do poder constituído. A velha concepção da neutralidade científica, do não envolvimento do pesquisador com o objeto de estudo, herdado da Geografia Clássica, com inspiração positivista, foi e ainda é

bastante útil para manutenção da ordem estabelecida. Interessante notar que esta mesma neutralidade não é observada quando acadêmicos dessa tendência aceitam ocupar cargos administrativos públicos mantendo assim um vínculo ainda maior com órgãos gestores do poder político. Não é aconselhável ao intelectual desempenhar função administrativa dessa natureza, todos aqueles que enveredaram por esse caminho foram mal sucedidos. A função do intelectual é produzir e elaborar o conhecimento, sendo este o seu instrumento de transformação da sociedade. Mas, de certo modo, houve um grande desenvolvimento das técnicas de análise espacial utilizando o método quantitativo que avança numa velocidade incrível até os dias de hoje. Entretanto, a ortodoxia de seus adeptos mais fervorosos impede a constatação das limitações que todo método científico possui. Ainda pior é a posição dogmática e reacionária que sequer admite a existência de outros métodos que sejam científicos. Claro que alguns notáveis da corrente quantitativa neo-positivista, como David Harvey e William Bunge, logo se aperceberam das limitações desse método quando se trata de analisar e, principalmente, interpretar as questões sociais. A partir de então, Harvey se aproximou do materialismo histórico dialético embora ainda fazendo uma leitura positivista do marxismo segundo constatou ANDRADE (1987). Bunge foi mais a fundo na teoria dialética, chegando a desenvolver pesquisas participantes em bairros negros pobres de Detroit, fato que gerou sua demissão da Universidade por forças conservadoras e intolerantes. Mais recentemente, Harvey procura novos caminhos teóricos para a Geografia, nos quais é visível a influência da corrente humanística em seus trabalhos. Na verdade, a Geografia Humanística hoje se aproxima da Crítica após esta abandonar alguns princípios marxistas radicais que vinculavam a produção do espaço apenas ao processo econômico, sem valorizar os aspectos culturais da sociedade. Ambas partilham da independência em relação ao *status quo* vigente e não defendem a neutralidade científica, contrapondo-se ao neo-positivismo. Por outro lado, a Geografia Crítica ou Radical guarda uma semelhança com a corrente quantitativa quando postula e exalta modelos sócio-econômicos e axiomas. As bases fenomenológicas da Geografia Humanística podem ser constatadas em várias áreas dos estudos geográficos. O estudo das paisagens e dos lugares através da percepção e cognição do meio ambiente tem como base teórica o humanismo fenomenológico. Dentro dessa temática se destaca a obra de TUAN (1983) que dinamizou os princípios

humanísticos nos estudos epistemológicos da Geografia. Outro exemplo é a Geografia Agrária, quanto utiliza a “pesquisa participante” que, em primeira instância poderia ser classificada como de caráter crítico, também desenvolve claramente uma investigação qualitativa fenomenológica. E assim, quase toda a Geografia Humana tem recorrido ao paradigma humanístico em seus estudos. Em todo o caso, a fenomenologia passou a exercer forte influência em quase todas as ciências humanas, mais fortemente na Psicologia, Antropologia, Sociologia e História. Mas, sua contribuição tem sido significativa também nas chamadas “ciências da saúde”, ainda considerando o antigo conceito de saúde biológica. Na Enfermagem, por exemplo, é muito grande o desenvolvimento dos trabalhos com investigação qualitativa com base na fenomenologia. Embora essa ciência da saúde tenha no início de sua estruturação se apegado ao paradigma positivista, no decorrer de sua evolução sentiu a necessidade de aplicar o método fenomenológico como demonstra CARVALHO e VALLE (2002, p.1):

A enfermagem em seu desenvolvimento histórico em direção à cientificidade também trilhou e trilha os caminhos da ciência dita positiva. Nesse seu trajeto em busca da maioridade científica, a enfermagem inspirou-se no modelo tradicional biomédico das ciências naturais e experimentais. O modelo biomédico obedece as exigências do positivismo, que não aceita o conhecimento que não venha da experimentação.

Para Carvalho e Valle, no próprio avanço tecnológico dos equipamentos e aparelhos médicos e suas técnicas de operacionalização que permitiram o prolongamento artificial da vida, foi deixando o paciente e sua humanidade em um segundo plano no que toca à assistência e aos cuidados da enfermagem. As autoras ressaltam que foi imperativo reconhecer a necessidade de uma nova forma de ver e investigar o homem em sua relação saúde-doença e no cuidar da enfermagem, compreendendo-o na totalidade de sua existência. Nesse caminho, a fenomenologia se apresentou como método alternativo, uma terceira via entre o positivismo e o discurso especulativo da metafísica.

A medicina psiquiátrica e a psicologia são outros exemplos de “ciências da saúde mental” que têm utilizado o paradigma humanístico fenomenológico em suas investigações, como ressaltava TURATO:

O método fenomenológico contribuiu fortemente para o desenvolvimento de correntes filosóficas, como o existencialismo, e de correntes científicas, como as que nos permitem analisar as experiências humanas nos muitos aspectos na sua vida psíquica e na vida social. Percebemos que o conceito de significação se

torna chave, superando-se as amarras, por exemplo, da psicologia e da sociologia positivistas. Temos que significação é a produção humana de sinais, é o meio pelo qual uma pretendida objetivação ganhe sua peculiaridade e um objeto, na perspectiva teórica de um certo estudo, seja-nos historicamente identificado. A primeira tratava (e trata) o psiquismo como uma mera soma de elementos bioquímicos, fisiológicos e anatômicos, reduzindo-o a algo neuropsicológico, onde o psíquico não é objeto em si, mas um conjunto de efeitos psíquicos de causas não psíquicas. Com a fenomenologia, a psicologia ganhou autonomia científica e pode estudar uma série de fenômenos ligados à consciência que são dotados de significação própria.

Na Geografia da Saúde, os trabalhos que utilizam a investigação qualitativa com base humanística fenomenológica ou mesmo a dialética crítica são bastante escassos, principalmente ao nível brasileiro e até latino-americano. É um fato surpreendente se considerarmos que essa porção do globo é uma das mais atingidas por tragédias humanas, principalmente na área de saúde, constituindo um laboratório excepcional para se averiguar, descortinar e interpretar as concepções de vida dessa população e de sua própria existência. Entre os geógrafos que começam a se interessar pelo uso dos critérios humanísticos nas questões de saúde e espaço estão aqueles que trabalham com Cognição e Percepção do Meio Ambiente. A corrente da percepção em geografia, que teve como grande divulgadora e formadora a professora Livia de Oliveira, ocupou-se inicialmente com a questão da aprendizagem em geografia e depois no estudo e interpretações das paisagens. Com a influência dos trabalhos humanísticos de Tuan, esse grupo de geógrafos elegeu o lugar como um espaço privilegiado no que toca ao relacionamento existencial de seus habitantes, e o conjunto de atributos e significados que ligam o homem ao espaço. Pois bem, a saúde dentro de sua conotação espacial, tem vasta gama sentimentos, conotações, experiências, significados e vivências intimamente ligadas ao lócus que nada mais é do que uma intrincada teia de relações humanas. Entre os trabalhos desse grupo pode-se destacar o de PARANAÍBA e AGUIAR (2005), no qual a temática de serviços de saúde recebe um tratamento humanístico, guiado pela linha da percepção do meio ambiente e das representações sociais. As autoras resgatam a condição do Posto de Saúde – o lugar, e sua relação com a comunidade, destacando a fase de contato obrigatório da vacinação infantil e fora dessa fase quando o Posto de Saúde se torna um espaço pouco definido ou com outra atribuição de valores e significados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse breve relato foi possível constatar o avanço das investigações qualitativas de cunho humanístico fenomenológico nas ciências sociais e biomédicas. Entretanto volta-se à pergunta inicial desse texto: Qual a razão dos reduzidos estudos nessa abordagem na Geografia da Saúde? Sem dúvida que o domínio histórico do paradigma positivista nesta área geográfica inibiu avanços significativos de outras linhas de abordagem. Como destacou ALVAREZ (1982), foi somente nos finais dos anos 60 que se levantaram vozes contra a “ditadura absolutista” do positivismo lógico. Esse domínio continua, de certa forma, com a atual orientação quantitativa neo-positivista que, como já foi ressaltado, tem sido fortalecida pelo atual desenvolvimento da informática que beneficiou fortemente a aplicação de suas técnicas, embora este avanço tecnológico não esteja restrito ao “mundo quantitativo”. No viés ideológico a situação é mais preocupante, visto que aí se encontra o substrato de toda ação da ciência. Em um mundo massificado pela atual fase de capitalismo triunfante neoliberal globalizado, o debate ideológico soa como anacrônico, sendo que o sistema vigente parece impor a idéia que não existem mais alternativas a serem buscadas e mais, que não se questiona a ordem estabelecida. O dogmatismo do sistema sócio-econômico ou de doutrinas religiosas é perfeitamente compreensível, pois defendem verdades inquestionáveis para sua reprodução enquanto sistemas e instituições. Mas, o dogmatismo científico (TUAN, 1976) se revela extremamente perigoso, partindo do princípio de que a verdade científica é sempre provisória e sujeita às contestações e comprovações. Portanto, quando determinado ramo da ciência se sujeita a se dogmatizar pode servir de instrumento de dominação das instituições e sistemas sociais para a manutenção da ordem vigente. O papel de uma ciência social, como é o caso da Geografia, é a busca contínua de novos paradigmas, elaborando e reconstruindo o conhecimento humano no propósito de contribuir para as transformações sociais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Manuel C. de. **Geografia, ciência da sociedade**. São Paulo: Editora Atlas S. A., 1987.
- ALVAREZ, José Estébanez. “*La Geografía Humanística*”, **Anales de Geografía de la Universidad Complutense**, Madrid: Ed. Univ. Complutense, n.2, 1982.
- CARVALHO, Maria D. de B. e VALLE, Elizabeth R. M. do. “A Pesquisa Fenomenológica e a Enfermagem” **Acta Scientiarum**, Universidade Estadual de Maringá, v.24, n.3, p.843-847, 2002.
- COBRA, Rubem Q. “Fenomenologia”, **Filotemas**. Disponível: WWW URL <http://www.cobra.pages.nom.br>, Internet, Brasília, 2001, rev. 2005.
- DARDEL, Eric. *L’Homme e la Terre: nature de la réalité géographique*. Paris: Presses Universitaires de France, 1952.
- LOWENTHAL, David. “*Geography, Experience and Imagination: Towards a Geographical Epistemology*”, **Annals, Association of American Geographers**, vol.51, n.3, 1961, p.241-260.
- MERLEAU-PONTY, M. **The Structure of Behaviour**. Boston: Beacon Press, 1962.
- OLIVEIRA, Livia de. et al. (orgs.) **Geografia, Percepção e Cognição do Meio Ambiente**. Londrina: Edições Humanidades, 2006.
- PARANAÍBA, Nádia F. e AGUIAR, Rossana C. R. “Serviços de Saúde no Brasil e Percepção Ambiental – proposta de ampliação analítica sobre a Geografia da Saúde: um estudo de caso sob a luz da Geografia da Percepção e das representações sociais”, Anais do **Simpósio Nacional de Geografia, Percepção e Cognição do Meio Ambiente** – Homenageando Livia de Oliveira. Londrina, junho de 2005.
- RELPH, Edward C. “*The phenomenological foundations of Geography*”, **Discussion Paper Series, Department of Geography of Toronto University**, n.21, Toronto, 1976.
- TUAN, Yi-Fu. “Geografia Humanística” (tradução de Maria Helena Queiroz), **Annals of Association of American Geographers**, n.66, v.2, 1976.
- _____. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**, (tradução de Livia de Oliveira). São Paulo: DIFEL, 1983.

TURATO, Egberto R. “Introdução à Metodologia da Pesquisa Clínico-Qualitativa”,
Artigos, **Associação Brasileira de Medicina Psicossomática – Regional São
Paulo**. Disponível: WWW URL [http:// www.psicossomatica-sp.org.br](http://www.psicossomatica-sp.org.br)